

As narrativas de jovens universitários das camadas populares sobre suas trajetórias escolares

Celecina de Maria Veras Sales¹
Francisca Lidiane Araújo de Souza²

RESUMO

Esta pesquisa insere-se no âmbito dos casos de “sucesso escolar improvável” (LAHIRE, 1997), e visa a compreender como as/os jovens das camadas populares da Universidade Federal do Ceará – UFC, beneficiadas/os pelo Programa de Residência Universitária, constroem suas trajetórias escolares e vivenciam suas experiências desde a educação básica até o ensino superior. É uma pesquisa qualitativa, tendo como base os fundamentos e procedimentos da pesquisa (auto)biográfica. As narrativas das/os jovens estudantes revelam que suas trajetórias escolares são construídas permeadas por diversos desafios, o que faz com que precisem lançar mão de muito esforço e dedicação, além de elaborar diversas estratégias para conseguirem permanecer inseridas/os no sistema de ensino e chegar à universidade. Nesse percurso, a escola, a família, as/os professoras/es, além de influências extrafamiliares e extraescolares são elementos fundamentais. Chegar à UFC se traduz, por um lado, na realização de um sonho e, por outro, em desafios de permanência na instituição, uma vez que a vida universitária apresenta diversas dificuldades às/aos jovens, tanto relacionadas às questões financeiras, quanto às questões de convivência com a vida universitária e sua cultura.

Palavras-chave: educação superior; juventudes; trajetórias escolares; pesquisa autobiográfica.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Sociologia pela (UFC). Pós-doutorado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Professora da UFC do Programa de Pós-Graduação de Avaliação de Políticas Públicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordena o Diretório de pesquisa CNPq Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero, Idade e Família - NEGIF/UFC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7662-0255>. E-mail: celecina@ufc.br.

² Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora na Rede Municipal de Educação de Sobral/CE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6091-4523>. E-mail: lidianearaujo.educ@gmail.com.

The narratives of young university students from the popular classes about their school trajectories

ABSTRACT

This research inserts itself in the scope of the “unlikely school success” cases (LAHIRE, 1997), and aims to understand how young people from popular from the Federal University of Ceará - UFC, benefited by the University Residency Program of the institution, strata build their school trajectories and live their experiences from basic education to higher education. It is qualitative research, based on the theoretical foundations and procedures of the (auto) biographical research. The narratives of the young students reveal that their school trajectories are built permeated by diverse challenges, which means that they have to put a lot of effort, dedication and to elaborate diverse strategies to be able to remain inserted in the system of education and to reach the university. In this way, the school, the family, the teachers, as well as extra-family and extra-school influences are fundamental elements. Joining at the UFC translates the realization of a dream and, on the other hand, represents challenges of permanence in the institution, since university life presents several difficulties to the young people, related to the financial questions, as questions of coexistence with university life and culture.

Keywords: higher education; youth; school trajectories; autobiographical research.

Las narrativas de los/las jóvenes universitarios de las clases populares sobre sus trayectorias escolares

RESUMEN

Esta investigación se inserta en el ámbito de casos de “éxito escolar improbable” (LAHIRE, 1997) y tiene como objetivo comprender como los/las jóvenes de las camadas populares de la Universidade Federal do Ceará - UFC, beneficiados/as por el Programa de Residencia Universitaria, construyen sus trayectorias escolares y vivencian sus

experiencias desde la educación básica hasta la enseñanza superior. Es una investigación cualitativa, teniendo como base los fundamentos y procedimientos de la investigación (auto)biográfica. Las narrativas de los/las jóvenes estudiantes revelan que sus trayectorias escolares son construidas y atravesadas por diversos desafíos, lo que hace que precisen lanzar mucha mano de esfuerzo y dedicación, además elaborar diversas estrategias para conseguir permanecer insertadas en el sistema de enseñanza y llegar a la universidad. En ese transcurso, la escuela, la familia, los/las profesores/as, además las influencias extrafamiliares y extraescolares son elementos fundamentales. Llegar a la UFC se traduce, por un lado, en la realización de un sueño y por otro lado en desafíos de permanencia en la institución, una vez que la vida universitaria presenta diversas dificultades a los/las jóvenes, tanto relacionados a las cuestiones financieras, como a las cuestiones de convivencia con la vida universitaria y su cultura.

Palabras clave: educación superior; juventud; trayectorias escolares; investigación autobiográfica.

INTRODUÇÃO

A educação superior no Brasil, nos últimos seis anos (2016-2022), foi conduzida de forma a tornar bem mais improvável o ingresso das/os jovens das camadas populares nas universidades públicas. O desmonte da educação superior pública, promovido nesse período, foi iniciado a partir do golpe de Estado em 2016, com diversas ações governamentais, incluindo a aprovação da Emenda Constitucional Nº 95 (EC-95) que congelou as despesas primárias (pagamento de salários, água, luz, internet, vigilância, limpeza, terceirizados, aquisição de material de consumo, realização de construções, aquisição de equipamentos e mobiliários etc.) por vinte anos (BRASIL, 2016). Esse desmonte ganha celeridade com o novo governo (2019 a 2022), por meio de cortes de verbas e de bolsas de pesquisa das Universidades e dos Institutos Federais. A queda das verbas de custeio das universidades federais foi de 45% e o investimento caiu 50% entre 2019 e 2022 (REVISTA PESQUISA FAPESP, 2022).

Além dos cortes de verbas, tivemos ainda a interferência política que desrespeitou a autonomia universitária garantida pela Constituição Federal de 1988. Desde a redemocratização do Brasil, o reitor era nomeado pelo presidente da república, respeitando o primeiro nome da lista tríplice elaborada por meio de consulta realizada pela comunidade universitária. No último governo (2019-2022), em algumas universidades, foi desconsiderada a consulta prévia, como foi o caso da Universidade Federal do Ceará – UFC, pois foi escolhido para reitor o terceiro da lista tríplice, o qual obteve apenas 4,61% dos votos, e, em outros casos, foram nomeados professores que não estavam na lista.

Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo compreender as trajetórias escolares e experiências vivenciadas, da educação básica à educação superior, por jovens das camadas populares, estudantes da Universidade Federal do Ceará – UFC, oriundas/os de várias cidades do estado do Ceará. Esta pesquisa insere-se no âmbito das trajetórias de “sucesso escolar improvável” (LAHIRE, 1997) traçadas por jovens estudantes universitárias/os das camadas populares.

As trajetórias escolares das/os jovens estudantes apresentadas em suas narrativas foram sistematizadas e analisadas, tomando como perspectiva os procedimentos da Análise Textual Discursiva, metodologia de análise de dados de pesquisa proposta por Roque Moraes (2003) e pertinente à proposta metodológica utilizada para a construção dos dados da presente investigação.

A análise e a interpretação do *corpus* da pesquisa foram organizadas nas etapas de unitarização e categorização. As categorias elencadas para subsidiarem as análises são resultantes da confluência de elementos extraídos do quadro teórico e de dados empíricos decorrentes da investigação. A presença dessas categorias ou traços nas trajetórias escolares analisadas existe de forma interdependente e contextualizada. Dessa forma, nenhum fator tomado isoladamente é compreendido como determinante na construção das trajetórias escolares das/os jovens e só pode ser compreendido de forma contextualizada e relacional, o que leva à necessidade de que a interpretação dos dados empíricos da pesquisa seja realizada a partir da noção de interdependência.

As experiências relevantes na construção da trajetória escolar foram as condições econômicas e culturais; o significado da escola para os sujeitos; a participação da família no processo de escolarização; a mobilização dos sujeitos na construção de uma trajetória escolar prolongada e as estratégias de que lançaram mão para realizarem esse propósito; a influência de elementos exteriores ao grupo familiar, enquanto referências ou propiciadores de oportunidades para os estudos; a mobilidade do lugar de origem até a universidade; a cultura universitária e seu impacto na vida das/os jovens. No entanto, esclarecemos que os referidos elementos foram investigados para a construção da análise das trajetórias escolares das/os jovens estudantes, mas não foram todos analisados neste trabalho, fizemos um recorte de alguns desses elementos.

As análises foram construídas tomando como referência o trabalho de Lahire (1997) que propõe uma leitura dos percursos escolares, dos casos de sucesso escolar estatisticamente improváveis nas camadas populares, a partir do olhar da interdependência, ou seja, afirmando “a primazia do todo sobre os elementos, das relações entre as características sobre as características *per se*” (1997, p. 73). Assim, todos os “traços pertinentes de análise” são colocados em relação, evitando a “explicação unilateral de um fator” (LAHIRE, 1997) na construção da trajetória escolar prolongada dos indivíduos e adotando a combinação de fatores em sua relação de interdependência e contextualização.

Foi necessário olhar para cada trajetória considerando pontos que se entrecruzam perante os condicionantes sociais, históricos e culturais que circundam os processos de formação educacional e pessoal. As diferenças implicam também em modos diversos de se vivenciar as experiências e trajetórias escolares pelas/os jovens, considerando as condições socioeconômicas e culturais onde estas/es estão inseridas/os.

As trajetórias escolares são compreendidas neste trabalho como o caminho percorrido pelas/os jovens estudantes durante toda a sua vida escolar, desde a educação básica até o ponto em que se encontram no presente, que é a universidade. “Trata-se, então, em primeiro lugar, de se caracterizar a direção tomada, a distância percorrida e o tempo gasto por diferentes alunos para a realização

de seus percursos escolares dentro dos sistemas de ensino” (NOGUEIRA; FORTES, 2004, p. 59).

Os percursos investigativos transitaram pelos pressupostos da pesquisa qualitativa com base nos fundamentos e procedimentos da pesquisa (auto)biográfica, tomando como instrumento de construção dos dados a narrativa de um segmento da vida dos sujeitos, aquele em que elas/es se encontram vinculadas/os à escola/universidade, ou seja, boa parte de suas vidas, incluindo o momento em que se encontram no presente.

A pesquisa (auto)biográfica permite, a partir de sua variedade de métodos e técnicas, evidenciar como as pessoas, falando de si, falam da vida e do mundo. Nesse sentido, elas trazem a perspectiva compreensiva e interpretativa, tendo em vista que desenvolvem suas ações e constroem suas crenças e significados sobre a vida, o mundo e si mesmo, a partir de suas percepções, sentimentos e significações que dão às suas ações, relações e experiências. Elas precisam ser desveladas, compreendidas e interpretadas (SILVA A., 2017).

O lócus da pesquisa se deu nas Residências Universitárias – REUs da UFC, espaços extremamente importantes para a permanência das/os jovens estudantes na Universidade. Existem, na UFC, onze Residências Universitárias, destas, cinco masculinas, três femininas e três mistas.

Os sujeitos da pesquisa são estudantes moradores das REUs, recorte pertinente, tendo em vista que os principais requisitos para ser contemplado com o Programa de Residência Universitária são a baixa condição financeira da família e a distância entre o local de moradia da/o estudante e a capital Fortaleza-CE, além de toda a documentação exigida às/aos estudantes para comprovar que realmente são pobres.

Com o objetivo de garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa, são utilizados, no decorrer do trabalho, nomes fictícios. Solicitamos a cada uma/um que escolhesse um nome que fosse significativo para ela/e. Os jovens, com uma exceção, escolheram o nome do pai. Entre as jovens teve escolha do nome da mãe, da avó, da irmã e da pintora mexicana Frida Kahlo.

Quadro 1- Estudantes participantes da pesquisa

Nome	Idade	Sexo	Curso	Origem
Antônia	23	F	Arquitetura e Urbanismo	Sede do município de Paramoti;
Zu	21	F	Psicologia	Sede do município de Solonópole
Frida	22	F	Agronomia	Zona rural do município de Aquiraz
Laisa	26	F	Engenharia de Produção	Zona rural do município de Aquiraz
Raimundo	21	M	Engenharia Civil	Zona rural de Piquet Carneiro
Luiz	25	M	Odontologia	Sede do município de Nova Russas
Luiz Farias	21	M	Engenharia Civil	Zona rural de Pedra Branca
Adalberto	19	M	Medicina	Sede do município de Madalena
Guilherme,	23	M	Geografia	Zona rural do município de Aquiraz

Fonte: Elaboração própria.

As narrativas das/os jovens estudantes sobre suas trajetórias escolares, construídas a partir das entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002), constituem a matéria-prima do trabalho, mostrando-se como importantes instrumentos para apreensão das falas, das percepções e da compreensão das/os jovens sobre suas experiências e os significados que atribuem a elas.

O longo caminho até a universidade: experiências vivenciadas a partir das dimensões socioeconômicas, culturais e educacionais

As falas das/os jovens estudantes universitárias/os demonstram que é possível articular vários elementos que fizeram parte de suas trajetórias pessoais com o contexto social mais amplo e com muitos problemas sociais e educacionais que assolam a vida das classes menos favorecidas no nosso país. A precarização dos

transportes escolares e de muitas escolas; a falta de formação de professores; o difícil acesso a livros, às tecnologias, ao material escolar básico; e as difíceis condições de trabalho são alguns dos problemas que aparecem nos relatos das/os jovens.

Sempre tinha essa dificuldade de comprar material. Comprava um caderno que tinha que durar o ano todo. Se era pra comprar farda tinha essa complicação. Um dia desses eu tava falando do kit da Faber Castell, de não sei quantos lápis! Eu nunca tive! Só vi na internet. Era só uma caixinha de lápis que minha mãe comprava pra um, então a caixa de lápis ficava em casa, pra pintar em casa e que a gente usa até ficar só o pedacinho, só um restinho. (Zu, Psicologia).

Meus pais moravam bem longe da escola e eu não tinha condições financeiras de pagar o ônibus, aí que eu passei a gostar ainda mais de ir pra escola, de estudar e tal. Então eu comecei a trabalhar logo que eu comecei o ensino médio na casa da minha tia, pra poder pagar, eu ia parte de bicicleta e parte de ônibus que eu pagava, que eu trabalhava de manhã e estudava a tarde. E eu gostava bastante porque era uma forma que eu tinha de estudar, de investir em mim e de sair um pouco da realidade que eu tinha. E aí quando foi no terceiro ano eu passei pra noite, comecei a trabalhar porque meu pai ganhava muito pouco e a nossa família é grande (Laisa, Engenharia de Produção).

As circunstâncias sociais influenciam na mobilização dos sujeitos para os estudos e nos ajudam a compreender as relações entre as posições ocupadas por eles/elas na sociedade e as situações escolares e culturais a que foram/estão expostos, pois aparecem em suas narrativas como fatores fundamentais para a construção de suas trajetórias escolares. São traços comuns presentes nas histórias de vida das/os jovens estudantes que auxiliam a compreensão das relações que os sujeitos das camadas populares estabelecem com a educação escolar, pois é mediante esses processos e interações sociais e às circunstâncias vivenciadas, que são construídas suas

trajetórias escolares. O pertencimento social a um grupo específico, mesmo considerando a heterogeneidade desse grupo, é um elemento importante a ser considerado na análise das trajetórias escolares prolongadas nos meios populares.

A ocupação laboral dos pais surge como um traço significativo para a reflexão sobre a subjetividade da influência do “capital cultural” na trajetória escolar dos/as jovens. Para Bourdieu, o capital cultural é:

conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28).

A teoria de Bourdieu sobre o capital cultural fornece argumentos importantes para entender que o conhecimento repassado pelos pais e mães é de suma importância no sucesso e no fracasso escolar. Dessa forma, é fundamental conhecermos sobre as profissões/ocupações e escolaridade dos pais e das mães dos estudantes interlocutores/as. Todas/os as mães e os pais trabalham em ocupações pouco qualificadas e com baixa remuneração. Entre as funções ocupadas pelos pais estão a de sucateiro, vigilante/auxiliar de serviços gerais, agricultor, mototaxista e funcionário de indústria avícola e policial. Entre as ocupações desempenhadas pelas mães estão a de dona de casa (caso de três mães), funcionária de fábrica de sapatos, auxiliar de serviços gerais e faxineira.

De um modo geral, os pais das/os jovens possuem baixa escolaridade. Apenas o pai de Adalberto possui nível superior, ele é policial militar e ingressou tardiamente no curso de geografia. Com exceção do pai de Adalberto, todos os demais concluíram, no máximo, a quarta série do ensino fundamental. Entre as mães, duas concluíram o ensino médio, duas finalizaram a quinta série e as demais concluíram, no máximo, a quarta série.

Pesquisas (FORACCHHI, 1977; NOGUEIRA, 2011) apontam que o grau de escolaridade dos pais está diretamente relacionado com o grau de escolaridade das/os filhas/os, ou seja, quanto maior a escolaridade dos pais maior a escolaridade das/os filhas/os. No caso das/os jovens interlocutoras/es desta pesquisa, o investimento familiar na educação escolar tem o sentido de garantir ao filho uma vida menos sofrida, com menos limitações financeiras e melhores condições de trabalho do que as vivenciadas pelos pais.

Embora a diferença entre os graus de escolaridade dos pais das/os pesquisadas/os se apresente de forma pouco expressiva, é interessante observar que as/os jovens que tiveram um maior investimento familiar na sua formação escolar desde a educação básica foram exatamente aquelas/es cujos pais apresentavam menor grau de escolaridade. O pai de Raimundo, agricultor que estudou até a terceira série e que “basicamente sabe ler e escrever”, sempre o incentivou a estudar e priorizou o estudo do filho em detrimento do trabalho no roçado. A mãe de Luiz Farias, faxineira que estudou até a quarta série, comprava material para o filho estudar, mesmo diante de limitações financeiras. A mãe de Adalberto, a qual era analfabeta e depois estudou até a terceira série, comprava apenas brinquedos educativos, com o intuito de auxiliar o filho na aprendizagem e sempre exigiu que ele se dedicasse aos estudos, acompanhando de perto sua educação.

O pai de Adalberto, o único com nível superior, devido ao contato quase inexistente entre os dois, não teve influência sobre a trajetória escolar do filho, pois, como nos mostra Lahire (1997, p. 104), é preciso que o capital cultural familiar esteja submetido a condições objetivas para que possibilite sua transmissão, ou seja, “disponibilidade de transmitir à criança certas disposições culturais ou acompanhá-la na construção dessas disposições” por meio da presença constante, da capacidade de cuidar da educação das/os filhas/os e da relação que se tem com estas/es.

A mãe, que ocupa um cargo pouco valorizado e baixa remuneração (auxiliar de serviços gerais) e possui baixa escolaridade, possibilitou a Adalberto a construção de disposições escolares favoráveis. Foram o investimento e a dedicação da mãe de Adalberto e sua rede de relações sociais, construída primordialmente na escola,

na qual estudava e acompanhava a mãe em seu trabalho, os grandes responsáveis por sua mobilização na busca por aprender e por construir uma trajetória escolar bem-sucedida. Mesmo com baixa escolaridade, foi ela a grande responsável por sua formação, exigindo desde cedo sua dedicação aos estudos e oferecendo condições para que ele pudesse continuar estudando.

Cabe aqui enfatizar que não se trata de meritocracia. Não são apenas os esforços e a determinação das/os jovens que permitem a sua permanência no sistema de ensino e seu ingresso no ensino superior, mas sim o conjunto das disposições que foram se construindo, tornadas possíveis por uma série de fatores. Muitas/os jovens estão inseridas/os em um contexto social de precariedades tão intensas, com tão pouco acesso a serviços básicos fundamentais, que são impedidos de ter condições concretas de construir uma escolarização prolongada, ou até mesmo, de ter condições de percebê-la como uma possibilidade.

O discurso da igualdade de oportunidades meritocrática – suposta igualdade de acesso escolar, em que cada indivíduo pode obter sucesso em função de suas qualidades e de seu esforço – ainda muito presente em nossa sociedade e cada vez mais enfatizado na conjuntura política atual é, na verdade, uma estratégia da classe dominante para legitimar as desigualdades, justificando os êxitos e/ou fracassos em elementos individuais, eximindo a dimensão do papel do Estado. “A ‘crueldade’ da igualdade das oportunidades ‘obriga’ os indivíduos a se considerarem iguais, livres e, portanto, responsáveis por seus sucessos e por seus fracassos [...] foram convencidos ou se convenceram de que a competição é justa” (DUBET, 2008, p. 104).

A lógica da meritocracia justifica a desigualdade e a distinção social como reconhecimento daqueles que são contemplados com o acesso diferenciado à educação, encobrendo desigualdades históricas, premiando o desempenho e apagando a diferença de acesso à qualificação que estaria na origem do processo. A meritocracia escolar legitima as hierarquias econômicas e sociais, reproduzindo as desigualdades a que estão submetidos os menos favorecidos e mantendo os privilégios da classe dominante (BOURDIEU; PASSERON, 2010). A igualdade meritocrática das

oportunidades é, para Dubet (2008), uma ficção necessária às sociedades democráticas modernas, utilizada para justificar as hierarquias, o prestígio e o reconhecimento, influenciando diretamente nas diferenças de desempenho dos indivíduos.

Desse modo, a igualdade de oportunidades suposta pela meritocracia determina que “os alunos que fracassam não são mais vistos como vítimas de uma injustiça social, e sim como responsáveis por seu fracasso, pois a escola lhes deu, a priori, todas as chances para ter sucesso como os outros” (DUBET, 2004, p. 543). As chances de se ter bom desempenho escolar e de ser um bom aluno estão relacionadas ao favorecimento do meio do qual a/o estudante se origina. Quanto mais favorecido o contexto em que estão inseridos, mais oportunidades terão de ter acesso a uma educação melhor, de conquistar um diploma e de ter uma carreira promissora.

Todas as famílias dos/as jovens estudantes têm limitações financeiras, fator marcante nas trajetórias, no entanto, a forma e a intensidade com que as condições socioeconômicas impactam nas trajetórias escolares de cada uma/um são muito diferenciadas. Para algumas/alguns jovens, a necessidade de trabalhar apresentou-se antes mesmo da conclusão do ensino médio, para outras/os só se fez necessária após a conclusão desse nível de ensino. Laisa trabalhou como empregada doméstica na casa da tia, depois como atendente na loja dela para custear as passagens até a escola e para ajudar em casa. Guilherme desenvolveu vários trabalhos na escola e trabalhou como digitador após a separação dos pais. Raimundo trabalhava no roçado com o pai, quando não tinha atividades da escola para realizar e nos períodos de colheita. Frida, embora não desenvolvesse trabalho remunerado, era responsável pelo trabalho doméstico e pelos cuidados com a avó.

Aquelas/es que não conseguiram ingressar na faculdade logo após a conclusão do ensino médio continuaram trabalhando ou iniciaram alguma experiência de trabalho. Laisa só conseguiu ser aprovada três anos após a conclusão do ensino médio e, durante esse período, trabalhou como vendedora em uma loja de shopping. Angustiada por estar afastada dos estudos durante tanto tempo e se distanciando do sonho de ir para a universidade, Laisa, ao conseguir uma “bolsa de estudos” em um cursinho de escola particular, decidiu

abandonar o emprego e voltar a estudar para se preparar para o ENEM. As condições para a aquisição da “bolsa” era trabalhar meio período na escola.

É notório que as necessidades econômicas retiram das/os jovens estudantes as possibilidades e condições necessárias para dar respostas satisfatórias aos estudos. No entanto, essa questão, analisada isoladamente, não é suficiente para a compreensão da construção das trajetórias escolares desses sujeitos e de outras dimensões de suas vidas, as quais, além da dimensão econômica e da estritamente escolar, precisam ser levadas em consideração.

Vários estudos (LAHIRE, 1997; ZAGO, 2011; NOGUEIRA, 2011; SILVA J., 2011) nos mostram que, em situações socioeconômicas análogas, é possível identificar trajetórias escolares diferenciadas. Em sua pesquisa, Silva J. (2011) identificou que os/as jovens pobres da favela da Maré que concluíram o ensino superior foram influenciadas/os por diversos contextos e experiências que lhes auxiliaram a adquirir uma determinada formação a qual contribuiu para a construção de uma trajetória escolar prolongada, enquanto muitos outros (irmãos, primos, vizinhos), os quais viviam no mesmo ambiente e dispunham das mesmas condições financeiras, não obtiveram o mesmo resultado.

Um aspecto importante a destacar é a democratização do ensino, a qual oportuniza a inserção de sujeitos historicamente excluídos dos espaços escolares. Posteriormente, para a efetivação dessa democratização por meio da universalização da educação, campanhas promovidas pelo poder público e por entidades sociais popularizaram a ideia de que estudar colabora para a ascensão social.

Uma reflexão interessante a ser feita, considerando a realidade dos sujeitos da pesquisa, é que houve uma melhoria significativa da qualidade de vida das pessoas no interior do Nordeste brasileiro nos últimos anos (2003-2016). Há poucas gerações, essas pessoas viviam em situações de vida muito mais precárias. Fome, miséria e outras mazelas eram situações mais emergentes e a escola não cabia em seus planos de futuro, dadas as dificuldades de acesso e permanência.

A aproximação do sujeito do interior com outros espaços e outras culturas, a partir do acesso à informação, por meio dos

diversos meios de comunicação, pode fazer com que, mesmo os sujeitos analfabetos que estão no interior do nordeste brasileiro, ou mesmo em outros locais isolados do Brasil, compreendam a importância da educação e da formação escolar.

A percepção da importância da educação, mesmo quando não se teve oportunidade de acesso à escola, faz com que esses pais valorizem o “capital cultural” e que projetem nos filhos a necessidade/importância de conquistá-lo. Percebe-se o processo de construção social de pertencimento à escola pelas camadas populares, alimentando a premissa do “estudar pra ser gente” que está cada vez mais presente em nossa sociedade. Essa perspectiva de ascensão social por meio da educação perpassa a compreensão de mundo que hoje chega aos sujeitos pelos discursos midiáticos, ou mesmo políticos, os quais demonstram um rompimento de fronteiras (geográficas e culturais) que caracterizam a sociedade moderna.

Bourdieu e Passeron (2010) afirmam que o sistema escolar reproduzia a desigualdade social e questionam se a democratização do sistema de ensino realmente diminuiu a distância entre as classes sociais. Outros autores, como Lahire, argumentam que a reprodução não é homogênea, pois existem variações e práticas inovadoras, além disso, as famílias das classes populares têm seus dispositivos, diversas experiências.

De um modo geral, as famílias das/os jovens se apresentam como grandes incentivadoras da sua educação escolar, empenhando-se em oferecer condições favoráveis para os estudos. Em quase todas as narrativas, a família é apresentada como uma importante influência na construção das trajetórias escolares das/os jovens.

Quando eu comecei a estudar, meus pais sempre me incentivaram, desde o começo. Eu acho que isso foi determinante pra mim começar a estudar. Por que não foi amor à primeira vista, vamos dizer assim. Quando eu comecei não tinha tanto gosto, mas aí pelo incentivo dos meus pais... Assim, os meus pais sempre me incentivaram a não querer ficar só no ensino médio, especialmente por meu pai ser agricultor, “*meu filho, roça não dá futuro,*

estude, procure estudar pra você ser alguém na vida, pra você conseguir um empreguinho e sair da roça”, era o que ele sempre dizia: “num vá querer nada pra enricar não, procure alguma coisa só pra não tá na roça, que ô negócio ruim!”, era assim que ele dizia. Isso ajudou muito a mim e meus irmãos ter interesse pra gente buscar alguma coisa além do ensino médio. (Raimundo, Engenharia Civil).

Em uma pesquisa desenvolvida por Lahire (1997, p. 334), sobre “sucesso escolar nos meios populares”, ele observa as dissonâncias e as consonâncias entre socialização familiar e socialização escolar e que “o tema da omissão parental é um mito. [...] Quase todos os que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante para os pais, e manifestam a esperança de ver os filhos ‘sair-se’ melhor do que eles”.

Também foi possível observar, a partir das narrativas dos sujeitos, que quase todos os pais dedicam uma atenção especial aos estudos das/os filhas/os, empenhando-se em garantir condições materiais para que permaneçam na escola, demonstrando respeito e orgulho por suas conquistas e manifestando o desejo de que venham a conquistar uma carreira por meio dos estudos, com melhor remuneração, sendo menos cansativa e mais valorizada que a delas/es. Os pais não são indiferentes aos comportamentos e desempenhos escolares das/os filhas/os e mesmo nos casos em que a participação da família, no sentido de mobilizar a/o filha/o para estudar e oferecer condições para isso, não aparece de forma significativa, compreendemos que não seja o caso de omissão, mas sim de condições de vida familiar e econômica difíceis e/ou falta de referências de casos bem-sucedidos de escolarização para jovens na mesma situação, os quais não permitem que a família tenha condições necessárias para ajudar as/os filhas/os a se dedicar aos estudos e ter êxito na escola.

Há também pais com pouca escolaridade, os quais podem não vislumbrar a possibilidade dos/as filhos/as chegarem à universidade, isso ocorre, inclusive, com os/as próprios/as jovens. O caso de Frida é emblemático dessa realidade. “Ela me criou pra saber

fazer as coisas em casa”. Mesmo em um contexto familiar desfavorável à sua permanência na escola, ela conseguiu chegar à universidade. “A minha mãe, ela não me criou pra estudar, não mesmo, de jeito nenhum!”. Logo após a aprovação de Frida no ENEM e seu ingresso no curso de Engenharia de Pesca, seus pais passaram a demonstrar alegria e orgulho pela conquista da filha e passaram a incentivá-la nos estudos universitários. Somente depois da sua aprovação é que perceberam ser possível a realização dessa conquista.

[...] teve uma coisa que a minha mãe me disse que eu jamais esqueci [...]: “negócio de faculdade, você não sonhe muito alto não porque a queda é muito grande” e eu até me emociono quando eu falo isso, sempre me emociono. Só que eu deixei passar, continuei estudando. Quando eu passei, nossa! Lá em casa, todo mundo ficou assim: não acredito! Eu fiquei com medo de dizer lá em casa que eu tinha passado porque tinha a minha vó, eu não sabia como ia ficar a situação. Só que foi ‘de boa’, meus pais me apoiaram. Já tavam era com pena de mim, de eu chegando em casa oito horas da noite, morrendo de cansada (Frida, Engenharia de Pesca).

A mãe de Frida parece ter reproduzido com a filha aquilo que foi posto a ela como “destino” das mulheres, a “vocação” para educar as/os filhas/os, cuidar da família e da casa. Foi como ela também foi educada e era o que estava posto enquanto possibilidade diante da realidade social em que estavam inseridas.

As práticas e atitudes familiares de mobilização escolar compreendem um conjunto de atitudes voltadas intencionalmente para um bom desempenho escolar das/os filhas/os. Segundo Viana (1998, p. 66), as intervenções cotidianas e o apoio moral e afetivo dos pais demonstram como a escola torna-se prioridade para a família. “A ideia central é a da intervenção, da elaboração de projetos, de acompanhamento da escolaridade dos filhos. O que supõe também intencionalidade, ainda que em diferentes graus”.

Na maioria dos casos investigados não foi identificado um investimento familiar assíduo, com a clara intenção do ingresso no

ensino superior. Terminar o ensino médio era o anseio e a exigência da maioria dos pais para as/os filhas/os. Alguns pais não possuem uma compreensão lógica da instituição “universidade”, de “curso superior”, não é uma ideia ainda formalizada nos seus planos, vislumbrada como uma possibilidade concreta. No entanto, está clara para eles a compreensão de educação como um caminho para a ascensão social, uma forma das/os filhas/os irem além e isso já é muito significativo no papel que assumem na trajetória escolar das/os jovens.

Para tanto, a mobilização das/os jovens em construir, a todo custo, uma trajetória escolar bem-sucedida é fundamental para a continuação dos estudos e do ingresso no ensino superior. A construção das trajetórias escolares das/os jovens apresenta um caráter de imprevisibilidade, com exceção do caso de Adalberto, para quem a mãe traçou um plano prolongado de escolarização desde muito cedo. Não existia um projeto intencionalmente elaborado pelas famílias de acesso ao nível superior, e as trajetórias escolares foram se prolongando à medida que as possibilidades iam se apresentando de forma mais concreta, sobretudo, quando as/os jovens passaram a ser as/os responsáveis por sua escolarização, lançando mão de diversas estratégias para a realização do sonho de se formar. Em muitos momentos, as trajetórias foram marcadas por grandes vulnerabilidades, exigindo das/os jovens grandes esforços e autodeterminação para seguir estudando.

Vários estudos (SOUZA, 2008; PORTES, 2001; ZAGO, 2000) mostram que a presença das mães no seio familiar é fundamental para a trajetória escolar das/os filhas/os, sendo elas as principais articuladoras das questões relacionadas à educação escolar das/os filhas/os. Sobre isso, na pesquisa de Souza (2011), ele identificou que, na maioria das famílias investigadas, a presença do pai foi pouco relevante para a trajetória escolar das/os filhas/os, sendo as mães as principais responsáveis por esse empreendimento.

Historicamente, as mães são as responsáveis pelo cuidado e pela educação das/os filhas/os. Embora algumas mudanças tenham acontecido no sentido de divisão dessas responsabilidades e de uma postura mais ativa dos homens enquanto responsáveis também por esses papéis, essa realidade ainda é bastante expressiva nos dias de

hoje. Assim, mais do que o sucesso das/os filhas/os, são creditados às mulheres os seus fracassos.

As concepções sobre gênero são socialmente construídas, atribuindo papéis e identidades sociais considerados essenciais aos homens e às mulheres. As representações e pressupostos do que é feminino e masculino têm implicações na constituição das instituições sociais, símbolos, normas, conhecimentos, leis, doutrina e políticas, estando também implicados com a sua produção, manutenção ou ressignificação (LOURO, 2003).

A presença significativa dos pais, como os grandes incentivadores e propiciadores de condições para que as/os filhas/os seguissem estudando e chegassem ao ensino superior, é um dado relevante deste estudo. É o caso de Raimundo, Laisa, Luiz e Antônia. O apoio do pai foi fundamental na construção das trajetórias escolares dessas/es jovens. Além do apoio financeiro, o incentivo, a demonstração de orgulho e, em alguns casos, o interesse dos pais pela leitura e por assuntos como história e política são elementos mobilizadores para as/os filhas/os em relação aos estudos e ao gosto por ler e estudar.

O pai de Laisa recolhia os livros da sucata para ela, aqueles que possivelmente seriam de seu interesse. Depois que ela foi aprovada na UFC, ele acordava todos os dias de madrugada para levá-la de bicicleta até o ponto de ônibus para que ela pudesse ir para a faculdade e voltava para pegá-la à noite, mesmo depois de ter passado o dia inteiro trabalhando. O fato de o pai se disponibilizar para ajudá-la financeiramente, mesmo sem ter condições de fazê-lo foi muito significativo para Laisa, pois demonstrou a importância que ele atribuiu ao que ela está fazendo e o seu empenho em se fazer presente nesse processo mesmo que seja apenas com a disposição.

E eu gostava bastante de ler, tipo, por exemplo, meu pai via um livro e “ah Laisa, parece contigo esse livro, eu guardei pra você lá”, eu ia lá, entendeu, pegava. Meu pai sempre foi uma pessoa que a gente sempre conversou bastante, então tipo, por mais que ele não lê assim, ele lê só mais a bíblia mesmo, atualmente eu acho que nem a bíblia ele lê mais assim, nunca mais eu vi ele lendo, mas a gente

conversava sobre as coisas, eu falava sobre as coisas pra ele, de gastronomia, política e tudo e ele sabe dissertar, ele conversa, ele gosta bastante de conversar sobre essas coisas, então *eu me sentia muito motivada pra poder ler e conversar com o meu pai sobre essas coisas*, então eu gostava bastante, dá até saudades dos tempos que eu lia (Laisa, Engenharia de Produção).

O pai de Luiz sempre o incentivou a estudar, e, quando o filho parou de estudar ao concluir o ensino médio, o pai não se conformou e se empenhou em propiciar condições para que ele prosseguisse estudando.

Meu pai me apoiou muito sabe? Ele me incentivava demais pra estudar. Eu também não queria decepcionar eles. Eles fizeram tudo que puderam pra eu entrar pra cá, fizeram tudo pra me ajudar, aí eu tava sempre querendo dar uma resposta boa pra eles, boa, né. Quando eu passei eles ficaram muito felizes e tal, eu também fiquei. Eu só quero puder agora me formar e ajudar eles, porque lá eles precisam muito de ajuda também. Meu pai trabalha em dois empregos, quase não tem tempo pra nada. Só ele sustenta a casa toda, sabe? (Luiz, Odontologia)

O pai de Luiz Farias sempre foi um grande entusiasta das conquistas escolares do filho, sempre demonstrando orgulho e o incentivando a se dedicar às atividades da escola, principalmente às que envolviam cálculos. Luiz destaca a mobilização do pai como algo muito relevante em sua trajetória.

Meu pai sempre acreditou em mim. [...] Ele me chamava: "Luiz, sente aqui! Meu filho sabe a tabuada decorada, quanto é num sei o que mais num sei o que?" Ele fazia um monte de contas pra mim. Aí eu tinha que responder na hora, de cabeça. Isso me motivou a gostar de matemática, tanto que na primeira vez que eu vim em Fortaleza com ele, foi depois de eu ter vindo pra escola, ele comprou uma calculadora financeira pra mim, eu não sabia

nem usar, aí ele comprou pra mim, Aí eu aprendi a usar, pesquisei na internet, aprendi a usar e fazia conta pra ele. (Luiz Farias, Engenharia Civil).

O falecimento do pai, logo após a sua aprovação para o curso de Engenharia Civil, foi um evento marcante na vida de Luiz e quase o impossibilitou de ingressar no curso, tendo em vista ser aquele um apoio financeiro e seu grande incentivador.

O pai de Raimundo, mesmo diante da necessidade da ajuda dos filhos no roçado, sempre priorizou os estudos, “primeiro os estudos, depois o trabalho”, e sempre incentivou Raimundo a buscar uma vida melhor por meio dos estudos. É evidente na fala do pai o desejo de que o filho construa uma carreira diferente da que ele tem, a qual lhe possibilita ter acesso a melhores condições econômicas e de trabalho. “Roça não dá futuro”.

Os interesses do pai de Antonia por leitura, por Arqueologia e História são elementos que lhe inspiraram o gosto pela leitura e pelos estudos. Zu sempre teve o incentivo financeiro e educacional da tia, professora da rede municipal, a qual esteve sempre presente na trajetória escolar de Zu, incentivando-a a ir além, a buscar e a prosseguir com os estudos. Além do incentivo financeiro, mobilizava-se também para que Zu tivesse acesso às melhores professoras na educação infantil e a uma escola melhor no ensino médio.

A mãe de Adalberto era a única sem nenhuma instrução escolar até certa altura da trajetória escolar do filho, os dados contrariam análises apresentadas em diversas pesquisas que relacionam o nível de escolaridade das/os filhas/os ao nível de escolaridade dos pais. Desde muito cedo, a mãe de Adalberto se empenhou em possibilitar ao filho condições de acesso à educação e a instrumentos que lhe permitissem ter boas condições de aprendizagem e traçou para ele um plano de carreira baseado nos estudos e na sua formação.

Adalberto atribui à mãe a responsabilidade por sua formação e por seu ingresso no curso de medicina na UFC. A aquisição de materiais didáticos pela mãe, mesmo com bastante restrições financeiras, e o incentivo constante na dedicação aos estudos, enfatizando a sua necessidade para “ser alguém na vida”, “ter uma vida melhor”, mobilizaram Adalberto na construção de sua trajetória

escolar. “O curso que era o sonho dela era qualquer curso, porque como tinha essa restrição grande lá em casa, então ela sempre falava ‘eu quero que você faça uma faculdade’ e ponto”. Atrelado a isso, tem também o papel importante desempenhado pela escola na sua formação, tanto de forma direta quanto indireta, dada a sua presença constante no espaço escolar, devido ao fato de permanecer na escola acompanhando a mãe em seu trabalho no turno em que não estava na sala de aula.

Adalberto foi educado na e pela escola. Além das horas em sala, às quais eram vivenciadas com intensidade e dedicação, as horas na biblioteca, enquanto a mãe trabalhava, e o convívio com as/os funcionárias/os, ou seja, as relações construídas naquele ambiente educativo foram fundamentais na educação de Adalberto.

Para Lahire (1997), a família, por meio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos, e esse papel não pode ser desprezado. No entanto, trata-se de uma influência que nem sempre resulta de práticas intencionais, conscientes e dirigidas, e que, no caso das famílias populares, não pode ser entendida no quadro dos modos típicos de mobilização familiar característicos das camadas médias e superiores.

Os estudos de Lahire (1997) são uma importante referência para a compreensão das trajetórias escolares de indivíduos de famílias das camadas populares. Para o autor, na análise de casos de sucesso ou de fracasso escolar, não se pode levar em consideração apenas a posição social das famílias e sua relação com a escola, mas estas devem ser compreendidas de forma complexa, dentro de um quadro no qual se configuram vários fatores interdependentes. Ainda para o autor, as disposições individuais não são decorrentes apenas de uma posição ocupada pelo sujeito na estrutura social, mas são constituídas a partir de múltiplas, e até contraditórias, influências socializadoras (LAHIRE, 2002, p. 49).

Nos vários casos analisados por Lahire, há situações diversas. Casos de “fracassos” previsíveis, ou seja, crianças em realidades difíceis (pais com baixa escolaridade e baixo poder aquisitivo) e que apresentam baixo desempenho na escola, casos de “fracassos” improváveis, crianças que, apesar de viverem em condições mais favoráveis à escolarização, apresentam desempenho escolar bastante

fraco e casos brilhantes de “sucesso” escolar de alunos que vivem em condições extremamente difíceis e, mesmo assim, conseguem obter excelente desempenho escolar.

A simbologia do livro e as experiências formativas

Os livros aparecem nas narrativas como um elemento muito significativo para as/os jovens, influenciando diretamente na sua trajetória escolar, no desejo de aprender e de buscar novos conhecimentos.

Além de uma prática que consiste, basicamente, na compreensão de textos, a leitura pode ser uma experiência. Uma experiência de linguagem, uma experiência de pensamento, e também uma experiência sensível, emocional, uma experiência em que está em jogo nossa sensibilidade, isso que chamamos “sentimentos” (LARROSA 2011, p. 10).

Os livros e a leitura assumem para as/os jovens, tanto uma relação de formação – que, segundo Larrosa (2011, p. 12), “não se reduz a um meio para adquirir conhecimentos”, mas tem a ver com uma relação afetiva, a qual envolve a subjetividade, que constitui os sujeitos e os põe em questão naquilo que eles são, sendo pensada “como algo que os forma ou “de-forma” ou “trans-forma” – quanto uma relação mais objetiva, como um meio de adquirir os conhecimentos formais/escolares. De uma forma ou de outra, essa relação com a leitura desempenha um papel fundamental na trajetória escolar das/os jovens e nas possibilidades de acesso ao ensino superior.

Minha mãe sempre que passava aquele povo das “enciclopédias60”, todas as disciplinas juntas, ela comprava, mesmo que se endividasse, comprava! Eu ainda tenho duas, guardadas, tão todas acabadas porque faz muito tempo. Ela sempre comprava porque sabia que eu gostava de estudar, gostava de ler, sempre comprava! Sempre me incentivou, sempre me dava esse incentivo a estudar (Luiz Farias, Engenharia Civil).

Até hoje eu me pergunto como que minha mãe tinha esses *insights* sobre essas coisas porque uma pessoa sem instrução, não se espera muita coisa, embora as mulheres da minha família façam milagres, eu acho que eu sou uma prova disso, mas ela sempre instigou muito o raciocínio, essa coisa pela educação, ao invés de me dar carinho, ela me dava aquelas peças de montar, que parece um lego e eu amava aquilo. Então eu pensava em fazer engenharia também porque eu gostava de montar aqueles negócios quando eu era pequeno, eu acho que vai sempre nesse rumo, sempre comprou muito livrinho de história, nós tínhamos uma pilha de livrinho, aqueles caras ambulantes que passava vendendo aqueles negócios pra criança, ela sempre comprava os livros (Adalberto, Medicina).

Meu pai é sucateiro, então tipo, meu maior prazer era quando ele fazia limpeza em alguma escola e aí tinha muitos livros, alguns livros paradidáticos, porque ele limpava, tipo, os livros velhos da biblioteca, ou então, por exemplo... Eu aprendi matemática nos livros da sucata do meu pai, que tinha uns livros lá, livros de professores. Aí foi com isso que eu consegui praticamente todos os livros que eu li. Eu lembro um livro que eu gostei muito de ter encontrado na sucata foi o livro do Harry Potter que na época eu gostava muito e eu não tinha condições de comprar e todos os meus amigos tinham todos os livros e tal e eu encontrei esse livro na sucata, então, foi muito legal pra mim (Laisa, Engenharia de Produção).

Raimundo tinha acesso aos livros infantis que a irmã ganhava da madrinha e depois, só no ensino médio, quando foi estudar em uma escola maior, teve acesso a outros livros paradidáticos.

Lá em casa tinha alguns livros, especialmente por conta da madrinha da minha irmã, ela gostava de ler e de dar livros lá em casa, ela gostava de dar livros pra minha irmã e a gente lia. Tinha livros infantis e alguns outros livros mais a respeito de literatura. Eu

tava começando a aprender a ler, aí o livro era ilustrado, tinha muita figurinha, eu gostava, aí eu ia ler. E maioria deles são realmente assim, livros infantis, mas voltado pra início da leitura e foi bom porque eram ilustrados e aí despertou o interesse (Raimundo, Engenharia Civil).

Frida só tinha acesso aos livros didáticos da escola e aos livros didáticos de séries mais avançadas que conseguia com seus vizinhos. Zu, Antonia e Guilherme também só tinham acesso aos livros didáticos da escola e, a partir do início do ensino médio, tinham mais opções de livros didáticos disponíveis na biblioteca da escola.

Lá em casa não tinha livro. Eu comecei a me interessar assim por leitura, porque tinha uma casa que era perto assim uns 100 metros. Aí lá tinha uma senhora que morava com dois filhos que já eram bem mais velhos, eu tinha uns 7 anos, eles tinham uns 20, 18 mais ou menos, eles estavam no ensino médio e aí eles tinham na época aquele livro grossão, manual, que era todo em preto e branco, do Telensino. Aí quando eles terminaram o livro, eles me deram. Outra vez foi mexendo numas coisas antigas da vovó, a gente achou um livro todo manchado assim, das páginas bem antigas, só que tinha um monte de contos, era um livro de contos e aí eu aprendendo a ler, eu aprendi com 4 e meio, cinco anos, eu com 7 ou 8 começava a ler e aí lia, lia, lia. Quando esse meu colégio fechou, meu primeiro colégio, os livros que eles tinham lá, contos de Green, livros de história, várias coisas, eu li muito contos de Green, gostava muito, aí eu peguei alguns, levei pra casa. (Frida, Agronomia).

Meus pais não compravam, mas eu lembro que a gente tinha uns livros, tipo, os didáticos mesmo da escola. Eu lembro que a gente ficava com aqueles livros. E eu e a minha irmã a gente costumava ir na biblioteca pública lá do colégio pra pegar livro e eu lembro que tem uma história que era de duas irmãs, que eu lembro que a minha irmã contava pra mim, eu amava aquela história e achava muito bom

quando ela contava e era mais isso, era mais esses livros que a gente ganhava e que a gente pegava na biblioteca, era mais assim (Antonia, Arquitetura e Urbanismo).

O fato de o acesso ser bastante limitado não impediu a leitura e a busca a partir de diversos meios. Ao analisar a relação com a cultura escrita por parte das famílias das camadas populares, Lahire (1997) observa que a forma como a família se relaciona com a leitura pode representar práticas de grande importância para o sucesso escolar das crianças. “O texto escrito, o livro, para a criança, faz parte dos instrumentos, das ferramentas cotidianas, por meio das quais recebe o afeto de seus pais. Isso significa que, para ela, afeto e livros não são duas coisas separadas, mas que estão bem associadas” (LAHIRE, 1997, p. 20).

Vários são os casos de experiências positivas e afetivas, vivenciadas a partir da relação com os livros e com a leitura, presentes nos relatos das/os jovens estudantes. Mesmo tendo aparecido em apenas um caso o hábito de leitura realizada pela mãe para o filho, foi possível identificar outras formas de relacionamento positivo com os livros.

O gosto pela leitura mostra que, mesmo com pais que não tenham certificados escolares, estes detêm saberes advindos da experiência e valorizam bens culturais legitimados como capital cultural, no sentido de que se aproximam dos conhecimentos socialmente valorizados. Os saberes de vivência são construídos a partir das experiências, das relações afetivas, dos saberes populares e dos seus modos de vida. Esses saberes perpassam a subjetividade dos sujeitos e os formam, construindo seus modos de ser e sua compreensão sobre o mundo.

Alguns momentos escolares das/os jovens foram marcados por experiências no sentido apresentado por Larossa, como um acontecimento impactante, o qual marca profundamente suas vidas e deixa marcas permanentes. A experiência, para Larossa (2002, p. 21), é “o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca”.

O “sucesso escolar” dos/as jovens investigados/as é mobilizado por múltiplas experiências, regidas por diversas “lógicas

de ação” (DUBET, 2014), as quais perpassam tanto a formação que se dá no contexto da escola, quanto a formação que se acontece para “além do escolar”, nos diversos espaços/tempos por onde esses/as jovens transitam e se constituem enquanto sujeitos.

Compartilhamos com Joca (2013) a ideia de educação enquanto processo alargado, a qual abrange outras dimensões para além da educação escolar. As experiências cotidianas dos/as jovens integram a sua formação tanto quanto as aprendizagens escolares, podendo também ser importante na construção das trajetórias escolares de sucesso.

No caso dos sujeitos desta pesquisa, compreendemos que, embora a formação não aconteça apenas na escola, essa instituição assume grande importância na vida desses sujeitos; além disso, as experiências vivenciadas nesse espaço e as relações construídas com o saber escolar desempenham um papel fundamental para a continuidade dos estudos e para o ingresso no ensino superior. Em todos os casos, alguns com maior intensidade que outros, algumas/uns professoras/es aparecem como referências importantes para a carreira escolar das/os jovens, seja mais diretamente, por meio do auxílio extrassala de aula na preparação para o ENEM, seja mais indiretamente como inspiradoras/es e incentivadoras/es da dedicação aos estudos, do interesse por determinadas disciplinas, do incentivo à leitura e à busca pelo ingresso no nível superior.

A participação das/os jovens nos eventos/espços da escola, como feiras de ciências, olimpíadas, grupos de estudos e grêmio estudantil, também desempenhou papéis importantes na formação e na mobilização pela continuidade dos estudos. Para Zago (2006), a origem social das/os estudantes exerce forte influência no acesso aos cursos de maior prestígio, “pois a ela estão associados os antecedentes escolares e outros tickets de entrada” (p. 232). Isso reforça a autoexclusão vivenciada por alunos do ensino médio público, os quais desistem de entrar na universidade antes mesmo de tentarem o vestibular.

Mesmo em condições adversas e, na maioria dos casos, sem muitas opções de escolhas, o ingresso em uma universidade federal pública é um acontecimento muito significativo para as/os

estudantes, representa uma vitória, a realização de um sonho para elas/es e suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses/as jovens nos mostraram que a educação produz significativas mudanças na vida das pessoas, sendo estas impossíveis de serem medidas objetivamente quando se trabalha com a perspectiva da pesquisa qualitativa, mas, como bem nos lembra Manoel de Barros (2008, p. 95), “a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças, nem barômetros etc. [...] a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

O ingresso desses/as jovens no ensino superior contou com múltiplas referências oriundas de uma ampla rede de interdependências, situadas para além do contexto familiar de origem. Cabe destacar dessa rede de interdependências alguns elementos fundamentais para a construção de uma trajetória escolar bem-sucedida por parte das/os jovens: professoras/es que marcaram suas trajetórias escolares, as escolas de ensino profissionalizante e a bolsa de estudo.

A importância e o significado da educação na vida das/os jovens ultrapassa uma relação instrumental com o saber e com a escolarização, trata-se também de uma relação perpassada por afetos, por relações e experiências que marcam e transformam de forma significativa a vida dos sujeitos.

A pesquisa mostrou que, diante das desigualdades sociais e educacionais presentes na sociedade brasileira, o acesso ao ensino superior público foi, durante muito tempo, um sonho distante para as/os jovens das camadas populares. Atualmente, mesmo com significativas mudanças ocorridas nos anos (2003-2016), por meio de políticas de cotas, de expansão das vagas nas universidades, esse acesso continua sendo improvável para muitas/os dessas/es jovens, os quais não dispõem de recursos materiais, culturais e sociais para construir uma trajetória escolar até o ensino superior, sobretudo, quando se trata de cursos considerados de maior prestígio social.

Contudo, existem jovens, como o caso das/os jovens interlocutoras/es deste trabalho, que, mesmo em meio a condições adversas, como limitações financeiras, dificuldades de acesso à escola, dificuldades de acesso a livros e materiais escolares, conseguem romper todas as barreiras impostas para sua escolarização (geográficas, culturais, econômicas) e construir uma trajetória escolar prolongada, ingressando em uma universidade federal pública, algumas vezes em cursos de alta seletividade.

A construção das trajetórias escolares pelas/os jovens investigadas/os foi mobilizada por diversos dispositivos, pessoais, familiares, institucionais (escola, cotas, cursinhos) que, entrelaçados, numa relação de interdependência, potencializaram saberes e experiências. Esses dispositivos, aliados às disposições e ao gosto pelos estudos, permitiram às/aos jovens vislumbrar a possibilidade de construir uma carreira a partir da escolarização e, para tanto, se mobilizarem para conseguir acessar o ensino superior e nele permanecer até sua conclusão.

Referências

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. **Emenda Constitucional- EC-95**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm. Acesso em: 15 jun. 2023.

DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**. São Paulo, v. 34, n. 123, set./dez. 2004. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/4635/pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

- DUBET, François. **O que é uma escola justa?** A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008.
- DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2014.
- FORACCHI, Marialice Mencarini. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977. 245p.
- JOCA, Alexandre Martins. **Levados por anjos**: modos de vida, educação e sexualidades juvenis. 2013. 351f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.
- LAHIRE, Bernard. **Sucessos escolares nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.
- LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, p. 37-55, n. 78, abr./2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 jan. 2017.
- LARROSA, Jorge Bondía. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://lrc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Jorge%20Larrosa.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz**: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*. V.

9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132003000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 25 de abril de 2023.

NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; FORTES, Maria de Fátima Ansaloni. A importância dos estudos das trajetórias escolares na sociologia da educação contemporânea. **Paidéia** – Revista do Curso de Pedagogia da Universidade FUMEC, Belo Horizonte, ano III, n. 2, 2004. Disponível em:
<http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1339>. Acesso em: 1 dez. 2016.

PORTES, Ecio Antonio. **Trajeto rias escolares e vida acad mica do estudante pobre da UFMG**: um estudo a partir de cinco casos. 2001. 259f. Tese (Doutorado em Educa o) – Faculdade de Educa o, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

REVISTA PESQUISA FAPESP. Aperto nas Universidades. Edi o 321. nov. 2022 <https://revistapesquisa.fapesp.br/aperto-nas-universidades-federais/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SILVA, Adriana Simi o da. **Hist rias de vida de mulheres romeiras**: experi ncias sociorreligiosas e os processos formativos na terra da M e da Dores e do Padre C cero. 2017. 335f. Tese (Doutorado em Educa o) – Programa de P s-Gradua o em Educa o Brasileira, Universidade Federal do Cear , Fortaleza, 2017.

SILVA, Jailson de Souza e. **Por que uns e n o outros?** Caminhada de jovens pobres para a universidade. 7. ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2011. 250p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

VIANA, Maria José Braga. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares**: algumas condições de possibilidade. 1998. 264f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ZAGO, Nadir. Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 18, 2000, p. 70-80. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v10n18/07.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2017.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (org.). **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Recebido em: *Mai*o/ 2023.

Aprovado em: *Jun*ho/ 2023.